

54.

Projeto de reabilitação do Museu de Arqueologia de Serpa: dados preliminares.

JOÃO NUNES E MIGUEL SERRA¹

1. ARQUEÓLOGOS.PALIMPSESTO, LDA.

Resumo

Apresentam-se alguns resultados preliminares da intervenção de minimização de impactos sobre o património decorrentes do projeto *Reabilitação e ampliação do Museu de Arqueologia de Serpa – Núcleo do Castelo, Zona 9 das Muralhas e obra de demolição e contenção do prédio urbano sito na Rua da Barbacã.*

Os trabalhos desenvolvidos contemplaram o acompanhamento arqueológico de obras muito diversificadas desde abertura de valas para colocação de infraestruturas, picagens e demolições de edificado ou limpeza de áreas específicas.

Os resultados obtidos permitem uma nova luz sobre a ocupação desde o período medieval até à atualidade, na zona alta da cidade de Serpa, com especial incidência sobre as dinâmicas de construção/reconstrução da área do castelo e do perímetro muralhado.

Abstract

Presentation of some preliminary results of the intervention of minimizing impacts on patrimony resulting on the project *Reabilitação e ampliação do Museu de Arqueologia de Serpa – Núcleo do Castelo, Zona 9 das Muralhas e obra de demolição e contenção do prédio urbano sito na Rua da Barbacã.*

The work developed was the archaeological accompaniment of different works, like the opening of trenches for the infrastructures, demolitions or cleaning of specific areas.

The results obtained allow us a new perspective about the occupation since medieval ages until nowadays, in the upper side of the city of Serpa, with special incidence about the construction/reconstruction dynamics in the castle area and in walls perimeter.

Palavras-chave: Arqueologia da Arquitetura, Castelo, Muralhas, Idade Média, Época Moderna

Key Words: Archaeology of the Architecture, Castle, Walls, Medieval age, Modern Age





Fig. 1 – Localização de Serpa na Península Ibérica



Fig. 2 – Área de intervenção dos projectos de “Reabilitação e ampliação do Museu de Arqueologia de Serpa – Núcleo do Castelo”, “Trabalhos de conservação da Zona 9 das Muralhas” e “Obra de demolição e contenção do prédio urbano sito na Rua da Barbacã”

O PROJETO E A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

Entre os dias 27 de Junho de 2011 e 28 de Setembro de 2012, desenvolveram-se em Serpa, os projetos de *Reabilitação e ampliação do Museu de Arqueologia de Serpa – Núcleo do Castelo*, *trabalhos de conservação da Zona 9 das Muralhas* e *a obra de demolição e contenção do prédio urbano sito na Rua da Barbacã*. Estes projetos previam trabalhos de demolição, picagens parietais, abertura de valas na Alcáçova do Castelo de Serpa e Rua da Barbacã, bem como trabalhos de limpeza e conservação das muralhas (Fig. 1 e 2).

O acompanhamento arqueológico destes trabalhos teve como primeiro objetivo o registo integral de todos os vestígios, contextos e/ou estruturas que as afetações em profundidade no subsolo, as demolições e picagens do edificado revelassem. Serve o presente texto para uma apresentação preliminar dos resultados obtidos.

BREVE ENQUADRAMENTO HISTÓRICO – ARQUEOLÓGICO

Os materiais mais antigos do morro do castelo de Serpa parecem remontar ao Calcolítico e/ou Idade do Bronze, com escasso espólio, recolhido em contexto secundário, nas intervenções da década de 80, do século XX, por António Monge Soares e José Braga, entre o cubelo e a porta em cotovelo, sob a Torre da Horta (Soares e Braga 1986: 197). Também na recente intervenção da equipa municipal de arqueologia, no Castelo de Serpa e Rua da Barbacã, nº 29-33, entre 2007 e 2010, foi identificado um fragmento de ornatos brunidos, ainda que em contexto secundário, mas que confirma a presença de vestígios do Bronze Final, no Castelo de Serpa, mesmo que não se traduza numa ocupação permanente (Antunes 2012: 444).

A Idade do Ferro traduz-se na primeira ocupação contextualizada deste espaço. Na intervenção de 1985/1986, os autores enquadram alguns depósitos identificados, com bastante espólio, nos séculos IV-III a.n.e (Soares e Braga 1986). Na intervenção de 2007 a 2010, identificou-se um possível fosso e depósitos, possivelmente enquadráveis nos séculos VII- VI a.n.e. (Antunes 2012: 444-446). Também na Rua das Varandas, em trabalhos nos anos 80 do século XX, junto às muralhas, entre a Porta Nova e o Palácio dos Condes de Ficalho, detetaram-se alguns depó-

sitos embalando materiais de Idade do Ferro (Braga e Soares 1981). Os trabalhos de renovação urbana na Rua das Varandas, em 2004, permitiram confirmar os resultados anteriores (Antunes 2012: 445-446). No Largo dos Condes de Ficalho, no interior do restaurante-bar Zens, a realização de uma sondagem, em 2001, permitiu igualmente a deteção de depósitos da Idade do Ferro (Antunes 2012: 446). Serpa seria então um povoado da Idade do Ferro, que acabou por ser romanizado (Soares e Braga 1986), "...delimitado pela Rua dos Farizes, a Norte, pela Rua da Barbacã, a Sul e a Este e pela Rua das Varandas, a Oeste..." (Antunes 2012: 446).

A ocupação Romana Republicana de Serpa poderá ser bastante significativa, sobretudo se considerarmos que a legenda *Sirpens*, numa moeda deste período, depositada no Museu Arqueológico Nacional de Madrid, corresponde a Serpa, revelando assim a possibilidade de uma cunhagem local, contudo a ausência de vestígios romanos significativos sugere um "...povoado proto-histórico de alguma importância durante o período da consolidação da conquista romana desta região e, neste contexto ter-se procedido à emissão de moeda, sem que isso tivesse como consequência o estabelecimento de um núcleo importante de povoamento" (Lopes 2003: 76-77). Com a fundação de *Pax Iulia* (Beja), assumindo-se como capital do *Conventus Pacensis*, a Serpa corresponde a um papel secundário na organização administrativa do território, sendo mencionada no *Itinerário de Antonino*, tendo talvez funcionado como uma *mansio* de apoio à via entre *Pax Iulia* e *Onuba* (Huelva), à semelhança de Vila Verde de Ficalho, que deverá corresponder à possível localização da "...*mansio AD Fines*..." (Lopes 2003: 78). Na intervenção da Rua da Barbacã, foi identificado um possível "*torculum*", bem como o negativo de estrutura de tendência circular, no fundo do fosso da Idade do Ferro, cortado pela vala da muralha cristã, sugerindo a presença de um "*torcularium*" no local (Antunes 2012: 448). Também na intervenção da década de 80, foram identificados depósitos de Época Romana, contudo com os fragmentos maioritariamente a corresponderem a material de construção, leva a que os autores optem por não assumir uma datação mais precisa (Soares e Braga 1986: 197). No Largo dos Condes de Ficalho, o interior do restaurante-bar Zens, revelou igualmente depósitos de Época Romana (Antunes 2012: 448).

Após a conquista islâmica de Beja, Serpa integra a *Kura* de Beja, havendo apenas

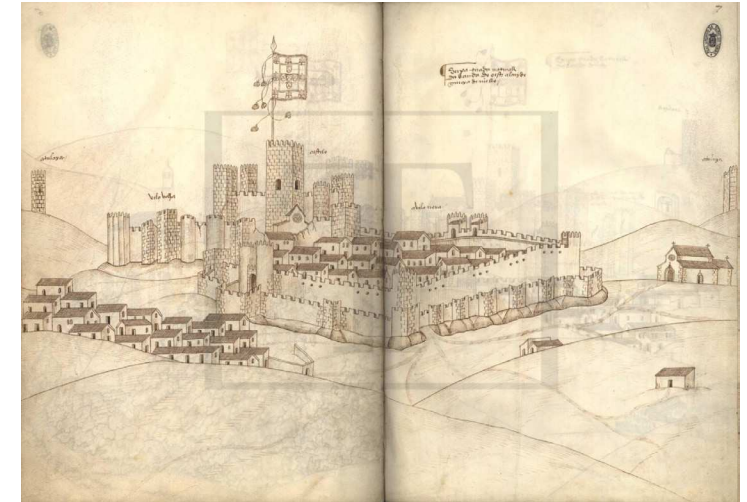


Fig. 3 - Vista a partir de Sudoeste das muralhas de Serpa, por Duarte d'Armas, do início do século XVI

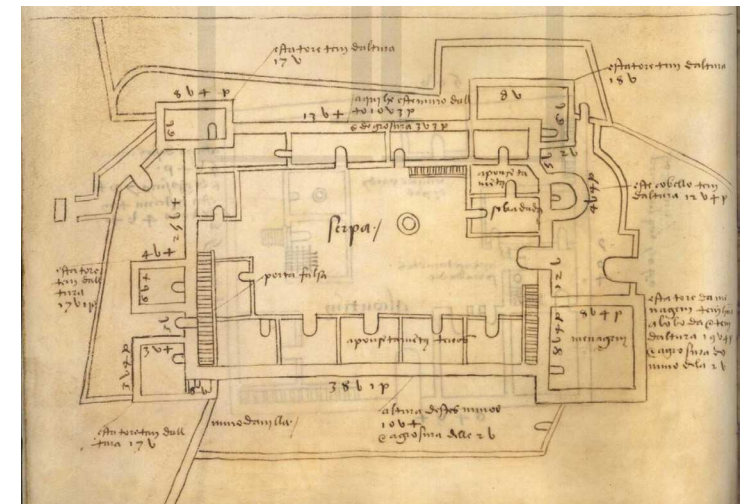


Fig. 4 - Planta do Castelo de Serpa, por Duarte d'Armas, do início do século XVI

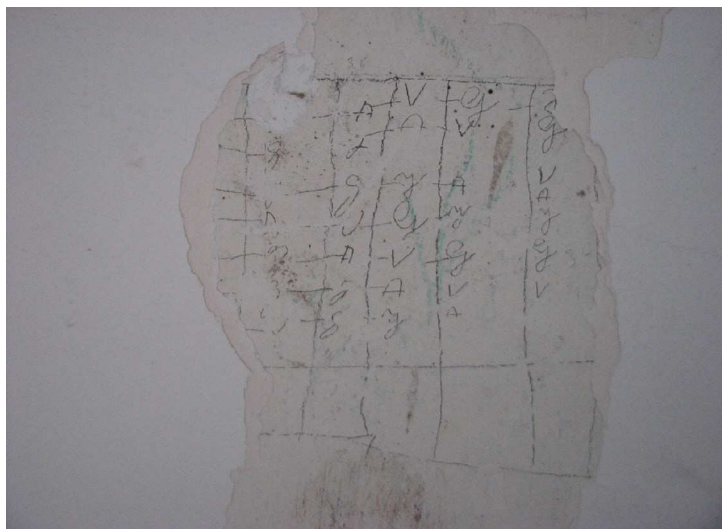


Fig. 5 - Registro a grafite na parede Norte da sala 4 da Casa do Governador, sob as camadas superiores de cal



Fig. 6 - Muralha de taipa, com os negativos de "agulhas", identificada na sala 5 da Casa do Governador

a transição de controlo administrativo, com a manutenção da população e o seu carácter secundário, na gestão do território. As primeiras referências a *Sirba* (Serpa) datam do século XII, quando o geógrafo Al-Idrisi revela a distância entre Serpa e Aroche, confirmando ainda que o percurso da via medieval era sensivelmente o mesmo que o da antiga via romana (Lopes *et al.* 1997: 155). Serpa é citada nos documentos de Ibn Sahib al-Salat e Bayan, relatando o ataque de Giraldo, a Beja em 1162 e 1172 e a Serpa em 1166. Em 1174/1175, os Almóadas conseguem recuperar Beja, nomeando governador Abu 'Ali 'Umar b. Timsilt, enquanto que Abû Bakr b. Wazîr é nomeado *cadí* (alcaide) de Serpa. Quando Abû Bakr b. Wazîr assume o governo de Beja, deixa Serpa ao cuidado de 'Alî b. Wazîr. (Lopes *et al.* 1997: 155-156). Sabe-se também que em 1178, era Abu I-Hassan 'Ali, o *cadí* de Serpa (Macias 2006: 76). Em 1188, Serpa volta a ser sitiada pelos portugueses, sendo definitivamente conquistada apenas em 1232, pelas forças de D. Paio Peres Correia, mestre da Ordem de Santiago, no reinado de D. Sancho II (Lopes *et al.* 1997: 156). Segundo Helena Catarino, a fortificação de Serpa, poderá remontar à 2ª metade do século IX ou início do século X, durante a 1ª Fitna, na sequência da revolta de Ibn Marwan, podendo o *hisn* (castelo) de Serpa ter sido construído sobre possíveis vestígios de fortificação da Idade do Ferro e/ou romanos (Lopes *et al.* 1997: 153-156). À semelhança de outros castelos na região, futuras reparações ou alterações dos séculos XI-XII, são já realizadas em taipa militar (Lopes *et al.* 1997: 156), daí o troço de muralha ainda hoje visível sob a Torre da Horta, seguindo junto à face Sul da igreja de Santa Maria, em direção à torre do relógio, no Largo de Santa Maria/dos Santos Próculo e Hilarião. Nas Inquirições Paroquiais de 1758, o castelo é descrito como "...cercada de paredão de nove ou mais palmos de largos construído de formigão de cal e terra, sem pedra e a espaços avultando para o exterior torreões redondos, sendo os dois para o Sul mais grossos como se observa nos arruinados vestígios..."; sendo que ao "...formigão de cal e terra...", deverá corresponder taipa militar (Soares e Braga 1986: 168). A Igreja de Santa Maria pode corresponder à localização da antiga mesquita (Macias 2006: 149-150) Tanto para Santiago Macias, como para Helena Catarino, e tendo por base a organização urbana, a topografia e desenhos de Duarte d'Armas, o perímetro do castelo islâmico além do troço já referido, entre a Torre da Horta e a face Sul da igreja de Santa Maria, pode ser

ainda delimitado pela muralha Norte e pelo Palácio dos Condes de Ficalho (Macias 2006: 147-152; Lopes *et al.* 1997: 153-156). No desenho da vista a partir de Sudoeste das muralhas de Serpa, de Duarte d'Armas é explicitada a existência da "Vila Velha", que deverá corresponder sensivelmente à área do castelo islâmico, entretanto reformulado por D. Dinis, que no início do século XVI é apresentado já com as muralhas e torres, algo arruinadas e onde parte da população deveria viver, ao "Castelo" corresponde a alcáçova e à "Vila Nova" corresponderia o antigo arrabalde. Refira-se ainda a existência de 2 torres atalaia, em cabeços próximos de Serpa (Lopes *et al.* 1997: 156) (Fig. 3). A intervenção junto à torre da Horta, revelou calçada e depósitos que embalam materiais enquadráveis nos séculos XI-XIII (Soares e Braga 1986). Já na intervenção da Rua da Barbacã, à exceção da muralha de taipa, não se verificaram depósitos claramente islâmicos, contudo relata-se a presença significativa de fragmentos em contexto secundário, com esta cronologia (Antunes 2012: 449). Uma intervenção no Largo Condes de Ficalho, revelou depósitos de cronologia islâmica (Macias 2006: 151). Também o largo de São Paulo, aquando da abertura para um estacionamento, em 1984, revelou depósitos embalando material da 2ª metade do século XI (Macias 2006: 151). Na década de 50 do século XX, Abel Viana identificou junto da Porta Nova, uma possível inscrição comemorativa, mas cuja degradação não permite leitura, estando depositada no Museu Nacional de Arqueologia (Macias 2006: 151-152; Viana 1950).

A conquista definitiva de Serpa dá-se como já se referiu, em 1232, pelas forças de D. Paio Peres Correia, mestre da Ordem de Santiago, contudo o primeiro foral data apenas 1281, por Afonso X de Castela, atribuindo-lhe o foral de Sevilha, delimitando o território da margem esquerda do guadiana, ainda sob domínio castelhano, com intuitos povoadores. D. Dinis atribui novo foral em 1295, e ordena um programa de reabilitação das estruturas defensivas de Serpa, patrocinadas por um terço das rendas obtidas pelas Ordem de Avis, nas igrejas de Moura e Serpa, em 1320, no contexto da consolidação de fronteiras com Castela, com a implantação de uma cerca urbana com 65 000 m², com portas ladeadas por torres circulares. Foram também implementadas uma série de torres atalaia na Torre, Nossa Senhora da Guadalupe, Peixoto e Sesmarias (Antunes 2012: 450). Os desenhos de Duarte d'Armas, como já se referiu, revelam o perímetro da "Vila Velha", que deve corresponder ao

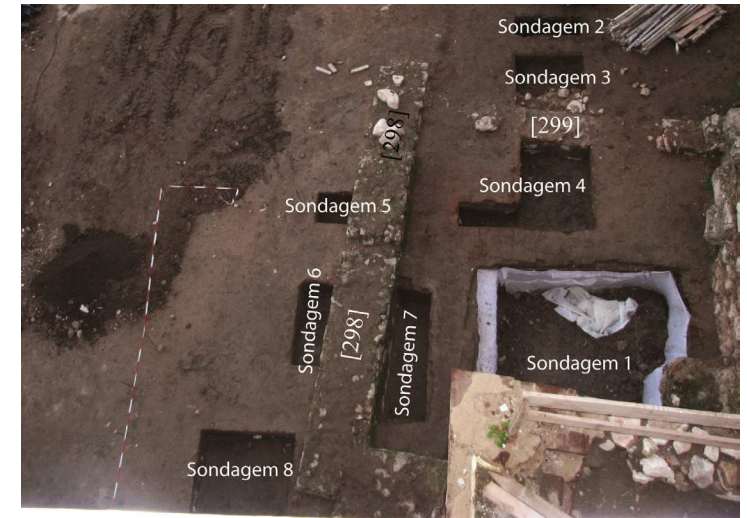


Fig. 7 - Perspetiva geral da área de localização das sondagens



Fig. 8 - Porta falsa da muralha Norte, representada por Duarte d'Armas nos seus desenhos



Fig. 9 - Pormenor do bloco com possível inscrição gótica, no cunhal Noroeste da Torre da Horta

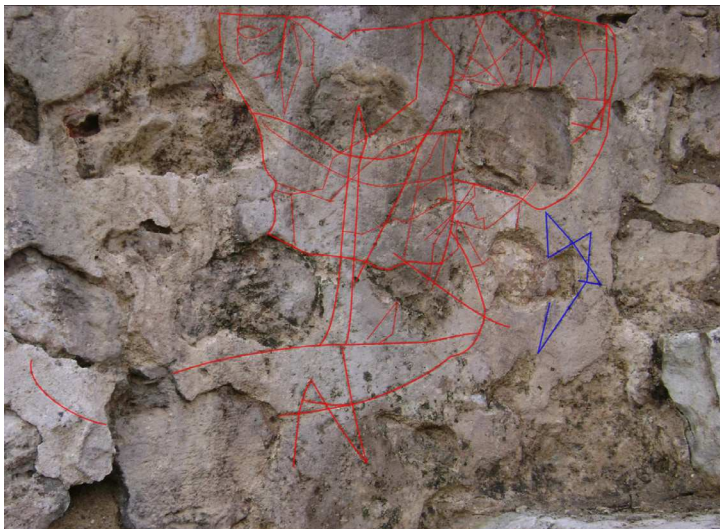


Fig. 10 - Grafito com possível representação de barco, junto da escada de acesso ao adarve, no canto Sudoeste da Alcáçova

castelo islâmico reformulado por D. Dinis, com muralhas já arruinadas e torres, o “Castelo” corresponde à alcáçova e a “Vila Nova” corresponde nova cerca, com portas ladeadas por torres circulares (Lopes *et al.* 1997: 156) (Fig. 3). A barbacã integra também este programa defensivo de D. Dinis, tendo sido assimilada pelo crescimento urbano, no final da Época Moderna, no entanto no século XVI ainda era representada por Duarte d’Armas (Antunes 2012). Nas Inquirições Paroquiais de 1758 refere-se “...uma barbacã de pedra e cal, com ameias, tendo uma porta na entrada para o vão da barbacã, e outra mais acima, que entra para o castelo, chamadas Portas do Sol: obra que claramente infere ser do rei D. Afonso Henriques, porque as armas têm a forma antessente à que deu o rei D. Afonso III, sendo ainda sem orla de castelos juntos ...”, sendo que as muralhas corresponderão antes a D. Sancho II e as “Portas do Sol”, que davam acesso ao Largo de Santa Maria/dos Santos Próculo e Hilarião, foram destruídas no século XIX. Refere ainda muralhas de “... muros altos de pedra e cal, os de maior tenacidade que tem este reino. Estes são obra do rei D. Dinis pelo que dizerem todos os historiadores e pelas armas orladas de muitos castelos que se acham na entrada do da dita vila, e noutras partes...” (Soares e Braga 1986: 168). A intervenção da Rua da Barbacã, trouxe bastantes informações sobre as reformulações após a conquista cristã, como uma primeira estrutura defensiva correspondendo a uma cerca urbana, que mantém o eixo da muralha de taipa mas alarga o perímetro defensivo, bem como a barbacã, tendo sido possível verificar a existência de alguns grafitos na face voltada à Torre da Horta. No lado interior destas estruturas defensivas verificam-se compartimentos e depósitos de Época Tardo-medieval e Moderna (Antunes 2012: 451). A intervenção dos anos 80, junto à Torre da Horta revelou a utilização daquele espaço como necrópole associado à Igreja de Santa Maria, em período tardo-medieval (Soares e Braga 1986). Será nesta fase de utilização que se fecham as entradas do corredor em cotovelo sob a Torre da Horta (Soares e Braga 1986: 197). Na zona poente de Serpa identificou-se uma necrópole com 123 enterramentos e que não foi escavada na totalidade, sendo balizada nos séculos XIII-XIV (Antunes 2012: 450)

Em 1530, D. Manuel confere novo foral a Serpa, em virtude do seu papel estratégico a nível regional e dinamismo económico. Os levantamentos de Duarte d’Armas foram encomendados por este rei de forma a determinar o estado das praças de

armas do reino nas zonas de fronteira com Castela. Face ao elevado estado de degradação, através do Duque de Beja, seu filho, a quem cedeu o domínio de Serpa, desenvolveram-se trabalhos de reconstrução bem como um novo pano de muralha, adossado à antiga Barbacã, tendo para tal desmontado parcialmente a muralha medieval (Antunes 2012: 451). A barbacã parece ter sido alterada a partir de 1640, durante a Restauração, como atestam as atas de vereação desse período (Soares e Braga 1986: 170) e o registo arqueológico, com a introdução de ameias e seteiras e criação de um caminho de ronda na barbacã (Antunes 2012: 452). Verificam-se ainda trabalhos de reconstrução da barbacã com tijolos e argamassa fracas, que deverão traduzir, já não a sua função militar, mas antes função doméstica e/ou produtiva, o que deverá ter ocorrido já durante o século XVIII (Antunes 2012: 452). A retirada das tropas castelhanas, sob comando do duque de Osuna, em 1708, depois de terem procedido à sua conquista em 26 de Maio de 1707, durante a guerra da sucessão espanhola, marcou de forma indelével o Castelo de Serpa com a destruição por implosão do topo da torre de menagem, criando a entrada icónica que hoje conhecemos, bem como destruindo outras quatro torres ao longo da muralha Norte (Soares e Braga 1986: 170).

Outros vestígios de Época Moderna foram identificados, já no exterior da muralha manuelina, na Rua da Barbacã nº29-33, com a identificação de um pequeno forno de produção de cerâmica de Época Moderna (Antunes 2012: 452) e no largo de São Salvador identificaram-se vestígios de uma necrópole enquadrável nos séculos XVI-XVII (Serra 2012).

Nos séculos XVIII-XIX, a muralha manuelina, perde a sua função defensiva e é utilizada como parede de fundo dos edifícios da Rua da Barbacã (Antunes 2012: 451-452), como se verificou nos trabalhos que agora se apresentam.

SÍNTESE DOS TRABALHOS REALIZADOS

Os trabalhos no Castelo de Serpa desenvolveram-se na Alcáçova, sobretudo na Casa do Governador e Edifício de Apoio, e nas Muralhas, revelando a evolução da ocupação e sucessivas reformulações desde a Idade Média, tanto período muçulmano como cristão, passando pela Época Moderna até à Época Contemporânea.



Fig. 11 - Arco encabeçado por um brasão muito danificado e sob o qual se verifica um poço vertical, na muralha oeste da alcáçova



Fig. 12 - Poço vertical quadrangular sob arco



Fig. 13 - Grafitos e brasão, que encabeçam a porta da Alcáçova

As intervenções na alcáçova vieram em grande parte confirmar as representações de Duarte d'Armas, do início do século XVI, com o pátio a ser rodeado por construções, adossadas às muralhas (Fig. 4).

A Casa do Governador, onde está instalado o Museu de Arqueologia de Serpa, ocupa um edifício de 2 andares, de Época Moderna, com reformulações de Época Contemporânea. Este edifício parece corresponder às representações de Duarte d'Armas, no início do século XVI, adossado à muralha, do lado Sul da Alcáçova. Refira-se ainda que o rés-do-chão e o 1º andar é separado por cúpulas de "tijolo de burro", preenchidas por sedimento que embala material tardo-medieval ou de início da Época Moderna. Aqui terá funcionado, no início do século XX, um estabelecimento prisional, a que podem ser associadas alguns grafitos a grafite (Fig. 5), identificados sob as últimas camadas de cal branca. As picagens do exterior da Casa do Governador, tanto na parede Norte, como na parede Oeste, revelam que esta assenta sobre um sistema de arcos, certamente de Época Moderna.

Sob as reformulações de Época Moderna/Contemporânea, na futura sala 5 da Casa do Governador, destaca-se a identificação da muralha de taipa militar de período islâmico, ainda com os negativos de "agulhas". Esta muralha foi integrada pela construção da estrutura defensiva em período medieval cristão, tendo sido nesta que se apoiou a construção da Torre da Horta e a Porta em Cotovelo, que se localiza sob esta. Foi também afetada pelas ocupações subsequentes, destacando-se a abertura de um arco em "tijolo de burro" e argamassa, sendo este mais tarde entaipado e destruído parcialmente. O facto de a muralha ser também parcialmente visível no alçado Sul, retrata o desbaste que esta sofreu de forma a alargar o espaço útil dos compartimentos correspondentes à futura sala 5. Ainda no lado Este da sala 5, as picagens parietais, junto às escadas de acesso ao adarve, permitiram verificar um aparelho em pedra e argamassa de umas escadas, possivelmente medievais e onde assentam parcialmente as escadas atuais, sendo que a maior parte assenta sobre uma estruturação em cimento e pedra, que poderá ser atribuída às obras da DGEMN, na segunda metade do século XX (Fig. 6).

As picagens parietais do alçado Sul da sala 5, bem como todas as intervenções nas paredes do lado Sul da Casa do Governador, permitiram verificar o paramento da muralha medieval, onde assenta a Torre da Horta e o adarve.

No volume anexo à escada de acesso à sala 5, onde inicialmente estava previsto o elevador, verificou tratar-se de estrutura com paramento regular em pedra de média e grande dimensão, possivelmente associada ao sistema defensivo medieval do castelo de Serpa, até pela similitude de aparelho com a muralha onde assenta a Torre da Horta.

Devido à nova implantação do elevador e *deck* associado, foram realizadas 9 sondagens, num total de 10,48 m², no canto Sudeste da alcáçova, onde devido aos rebaixamentos efetuados pelos trabalhos da DGMEN a partir de meados do século XX, eram já visíveis muros de Época Moderna/Contemporânea, paralelos à muralha Este da alcáçova. Estas sondagens revelaram sequências estratigráficas, com depósitos, pisos de circulação e uma possível estrutura de redução de metal, desde Época Moderna/Contemporânea até ao período medieval islâmico. No interior do compartimento onde foram implantadas as sondagens 1, 4 e 7, era ainda visível o piso de circulação em tijoleira. As sondagens vieram acrescentar mais informação relativa à ocupação deste espaço na transição do período medieval para o início da Época Moderna, a que os muros [298] e [299] parecem pertencer, confirmando também o grau de afetação ocorrido já em Época Contemporânea (Fig. 7).

A abertura de vala entre o poço-cisterna e a Casa do Governador verificou-se uma estruturação em pedra de média e grande dimensão e argamassa, que parece corresponder ao prolongamento da estrutura visível à superfície, onde assenta o bocal quadrangular. Esta estruturação sobrepõe-se a um piso de argamassa amarelada, com uma certa pendente e que deve constituir o revestimento do poço-cisterna.

A Norte do Edifício de Apoio identificou-se um conjunto de estruturas arqueológicas, que correspondem a vestígios de habitações anexas à muralha Oeste da alcáçova do Castelo de Serpa e extravasam um pouco o atual edifício de apoio, certamente de período tardo-medieval e/ou Época Moderna. No canto Noroeste da alcáçova confirmou-se a presença da porta falsa (Fig. 8). A fachada principal do edifício de apoio, parece apoiar-se sobre uma estrutura pré-existente, que se liga às estruturas identificadas a Norte do edifício. No interior do Edifício de Apoio identificaram-se depósitos e estruturas enquadráveis na Época Moderna. Existem ainda os vestígios de um muro junto à entrada alcáçova e que liga o cunhal do



Fig. 14 - Pormenor do brasão, que encabeça a porta da Alcáçova



Fig. 15 - Pormenor do brasão na face Este da Torre da Horta



Fig. 16 - Pormenor da representação da serpente alada na face Este da Torre da Horta



Fig. 17 - Conjunto de elementos romanos reaproveitados na face externa da muralha sul, junto da porta do corredor em cotovelo

Edifício de Apoio às escadas de acesso ao adarve. Troços de muro foram também identificados a Este, da porta mais a Sul do Edifício de Apoio, na zona da esplanada e junto da escada de acesso ao adarve, na muralha Norte. As intervenções na alcáçova vieram em grande parte confirmar as representações de Duarte d'Armas, do início do século XVI, com o pátio a ser rodeado por construções, adossadas às muralhas (Fig. 4).

A limpeza e consolidação das muralhas permitiram o registo de uma inscrição gótica, no cunhal Noroeste da Torre da Horta (Fig. 9), várias marcas de canteiro, grafitos (com grande profusão estrelas de David) (Fig. 13), motivos geométricos e a possível representação de um barco (Fig. 10). Na muralha oeste da alcáçova, verifica-se um arco, encabeçado por um brasão muito danificado (Fig. 11) e sob o qual se verifica um poço vertical quadrangular, com silhares bem aparelhados e cerca de uma dezena de metros de profundidade (Fig. 12). A pedra de armas sobre a entrada da alcáçova encontra-se algo degradada, sobretudo a legenda gótica, apresentando algumas peculiaridades como sejam, 28 castelos a delimitar a bordadura e 12 quinas em cada um dos 5 escudos que formam a cruz central (Fig. 13 e 14). Sobre a porta da face Este, da torre da Horta, verifica-se um bloco com a imagem gravada de uma serpente alada, a que se sobrepõe outro bloco com a pedra de armas de Portugal, idêntico ao verificado na porta da alcáçova, com as variantes de não apresentar inscrição gótica e representar no topo algo semelhante a uma pega (Fig. 15 e 16).

Os trabalhos nas muralhas permitiram ainda verificar as reminiscências de quatro torres eliminadas do castelo de Serpa, ao longo da muralha Norte, desde o canto Nordeste da alcáçova até ao canto Noroeste da muralha, junto do Palácio dos Condes de Ficalho. Estes trabalhos facilitaram também o registo da grande afetação sofrida pela Torre de Menagem. Estas ocorreram aquando do já mencionado episódio de retirada das forças do Duque de Osuna, em 1708. Refira-se ainda a estrutura abaluartada, junto à porta do Largo dos Condes de Ficalho, no canto Noroeste da muralha, antes de infletir para o Palácio dos Condes de Ficalho, que terá funcionado como simples estrutura de contenção de terras ou como estrutura defensiva associada à porta, em Época Moderna.

Foram também identificados alguns reaproveitamentos, durante os trabalhos nas

muralhas. Entre o cubelo e a porta do corredor em cotovelo, sob a Torre da Horta, verificou-se um conjunto de elementos romanos reaproveitados com destaque para uma ara com inscrição (Moita 1965; Gorges 1994; Lopes *et al.* 1997: 116-117), uma mó, um possível peso de lagar (?) e um elemento em mármore, apenas visível em seção (Fig. 17). Também na muralha Norte, identificou-se a secção de uma coluna e de um elemento arquitetónico, que pode ser descrito como meia coluna. Na Rua da Barbacã procedeu-se à demolição de um prédio urbano (n.º 29-33) da transição da Época Moderna para a Época Contemporânea, com o objetivo de revelar parte da muralha manuelina, barbacã e estrutura defensiva associada, enquadrável na transição da Baixa Idade Média para a Época Moderna (Fig. 18). Refira-se ainda que os materiais das paredes de taipa e enchimento das cúpulas vêm confirmar uma datação pós-terramoto de 1755, embalando material claramente de Época Moderna, com faianças de grande qualidade e importações, bem como alguns fragmentos enquadráveis nos períodos Medieval Islâmico e Romano.

Procedeu-se ainda à conservação preventiva do aparelho da estrutura defensiva colocada agora à vista e à contenção de estruturas e cortes na área anexa, escavada anteriormente pelo serviço de arqueologia da Câmara Municipal de Serpa, com destaque para a muralha de taipa, medieval islâmica (Fig. 19).

ALGUMAS CONCLUSÕES

Esta primeira abordagem aos trabalhos de acompanhamento arqueológico do projeto de *Reabilitação e ampliação do Museu de Arqueologia de Serpa – Núcleo do Castelo, Zona 9 das Muralhas e obra de demolição e contenção do prédio urbano sito na Rua da Barbacã*, permite-nos apresentar novas pistas sobre a evolução da ocupação do castelo de Serpa e as sucessivas transformações que foi sofrendo. Estes trabalhos vieram confirmar a grande relevância do Castelo de Serpa, enquanto sítio arqueológico, tanto no subsolo, como na sua informação parietal.

Antes de mais verificou-se que boa parte da informação que Duarte d'Armas produziu está ainda hoje presente no Castelo de Serpa. Confirmaram-se que sob as construções agora existentes, ainda se verificam vestígios do antigo castelo islâmico, revelando o pátio da alcáçova, depósitos bem conservados deste período.



Fig. 18 - Muralha manuelina após demolição do n.º 29-33, da Rua da Barbacã



Fig. 19 - Estrutura de contenção e cobertura da muralha de taipa

A evolução da Casa do Governador a Museu de Arqueologia de Serpa, é bem documentada pelas sucessivas transformações nos aparelhos construtivos, ao ponto de sob as várias camadas de cal se verificarem grafitos, que transportam este edifício desde final do período medieval e/ou de início da Época Moderna até à contemporaneidade. O registo do próprio sistema defensivo foi complementado, com o aparecimento de novas estruturas, como a que se verificou junto à casa do Governador e que obrigou a uma realocação do elevador ou à libertação visual da muralha Manuelina, barbacã e estrutura defensiva associada, do nº 29-33 da Rua da Barbacã, com a demolição deste edifício. Os trabalhos de limpeza e consolidação das muralhas revelaram ainda a intensa profusão de marcas de canteiro, grafitos (com grande presença de estrelas de David, motivos geométricos e a representação de um barco) e escassos reaproveitamentos. Foi ainda possível efetuar o registo dos graves danos que o castelo sofreu às mãos das forças comandadas pelo duque de Osuna, em 1708. Prevemos entretanto continuar com a exposição em futuras comunicações do manancial de registos e materiais, que estes trabalhos proporcionaram.

BIBLIOGRAFIA

Antunes, A. S. (2012): “Serpa entre a Idade do Ferro e a Época Moderna. Breve leitura dos resultados das escavações arqueológicas realizadas no Castelo”: *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Câmara Municipal de Almodôvar: 441-464.

Armas, D. d’ “Este livro he das fortalezas que sam setuadas no estremo de Portugall e Castella [...]” in <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=3909707>.

Braga, J. M. R. e Soares, A. M. M. (1981): “Indícios de uma ocupação da Segunda Idade do Ferro no Castelo de Serpa”: *Arqueologia*, 4. Porto, GEAP: 116-123.

Gorges, J.-G. (1994): “Une inscription romaine inédite de Serpa (Beja, Portugal)”: *Mélanges de la Casa de Velázquez*, 30 (1). Madrid: 83-106.

Lopes, M. C. (2003): *A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da civitas de Pax Ivliá*. Conimbriga. Anexos 3. Vol 1. Coimbra.

Lopes, M. C., Carvalho, P. C. e Gomes, S. M. (1997): *Arqueologia do Concelho de Serpa*.

pa. Câmara Municipal de Serpa.

Macias, S. (2006): *Mértola – le dernier port de la Méditerranée*. Vol 1. Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.

Soares, A. M. e Braga, J. R. (1986): "Balanço provisório da intervenção arqueológica já realizada no Castelo de Serpa": 1.º *Encontro de Arqueologia da Região de Beja*, Arquivo de Beja, (2ª Série), III. Câmara Municipal de Beja:167-198.

Moita, I. N. (1965): "A carta arqueológica da margem esquerda do Guadiana e o Museu de Serpa (projecto)": *Lucerna*, Cadernos de Arqueologia do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Porto (1ª Série), 0: 140-152

Serra, M. (2012): "Intervenção de salvaguarda na necrópole de Época Moderna de São Salvador, Serpa". *Al-madan*, 2ª série, 17, Adenda Electrónica: 173-176.

Viana, A. (1950): "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo": *Arquivo de Beja*, IV. Câmara Municipal de Beja: 3-40